

TEMPO, COMPRESSÃO E CRIAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE CONDIÇÕES DE EXPERIÊNCIA SUBJETIVO-TEMPORAL NA CONTEMPORANEIDADE

Renée Louise Gisele da Silva Maia
Doutoranda em Memória Social – PPGMS/UNIRIO
reneemaia@gmail.com

RESUMO

Objetivando refletir sobre os processos de aceleração do tempo e de seus reflexos na elaboração de subjetividades na contemporaneidade, este trabalho foi dividido em dois momentos interligados de desenvolvimento. No primeiro, buscou propor o conceito de compressão da hesitação, delineando-o fundamentalmente a partir de perspectivas bergsonianas da memória e tempo. No segundo momento, apresentou um breve estudo de caso do projeto “Viajo, logo existo”, engendrando questionamentos e reflexões acerca da possibilidade desta iniciativa representar uma estratégia de contra-resposta gerada a partir de processos de aceleração e compressão subjetivo-temporal. Por fim, observou-se que, centradas no perseguimento de demandas como autoconhecimento, aprimoramento e distanciamento de ambientes e funcionamentos habituais e automáticos, tal caso parece condensar esforços intuitos em busca de uma ampliação do sensível e de possibilidades de significação, espera e memória. Indicou-se, portanto, que tais combinações entre reflexividade e mobilidade oferecem interessantes indicações, representando um objeto de alta complexidade.

Palavras-chave: Tempo. Espera. Criação. Memória. Viagem.

ABSTRACT

Aiming to reflect on the time acceleration processes and their effects on the development of subjectivity in contemporary times, this work was divided into two interconnected moments of development. At first we tried to propose the concept of hesitation compression, outlining it fundamentally from Bergson's perspective of memory and time. Then, we presented a brief case study of the project "I travel, therefore I am", engendering questions and reflections about the possibility of this initiative represent a counter-response strategy generated from acceleration processes and subjective temporal compression. Finally, it was observed that central demands such as self-improvement and non-habitual or automatic environments and behavior, seem to condense intentions and efforts toward an extension of sensitive and significance, hold and memory possibilities. It was noted, therefore, that such combinations of reflectivity and mobility offer interesting indications, representing a highly complex research object.

Keywords: Time. Waiting. Creation. Memory. Travel.

BERGSON, COMPRESSÃO E INTUIÇÃO

Inseridos em um cenário marcado pela aceleração do tempo, estaríamos vivendo em uma espécie de era do imediatismo de respostas. No consumo, na dor física ou emocional, nas relações cotidianas e/ou afetivas, pressões para reações

cada vez mais rápidas a estímulos variariam desde a busca por prazeres e satisfações instantâneos até demandas por rápidas soluções ou remédios (tanto literais, quanto metafóricos).

Destarte, parece que sofreremos de uma crescente inabilidade de espera: precisamos remediar imediatamente qualquer desconforto, ter respostas e posicionamentos tão logo são demandados. De dores de cabeça, a lutos ou angústias diversas, nossos incômodos estariam sendo “calados” através de um mercado da remediação que em muito transcende a indústria farmacêutica ou as práticas médicas e terapêuticas. Assim, fenômenos como a compressão do tempo-espaço impeliriam velocidades temporais que estariam evidenciando o surgimento de outra forma de compressão: a da hesitação.

Ao propor uma filosofia do tempo e da memória fundamentada no que descreve como um amplo funcionamento de interação imagética, Bergson (1988, 1990, 2005) localiza o corpo enquanto representante de uma forma privilegiada de imagem capaz de esperar, hesitar, e com isso, escolher as respostas devolvidas diante dos estímulos percebidos. Para o autor, o corpo encarnaria, então, o que propõe chamar de centro de indeterminação ou intervalo de hesitação. Em suma, “o corpo, entendido como sede da memória e da percepção, é o intermediário entre o espírito e o mundo; as nossas ações, como não são meras reações ao ambiente, dependem da união de duas memórias: a memória corporal e a memória pura.” (GUIMARÃES; REZENDE; BRITO, 2012, p. 14-15), sendo através dele que construímos subjetivamente os objetos e as relações com o mundo.

Para o filósofo francês Henri Bergson, esta capacidade de hesitar antes de responder seria responsável por estabelecer uma distinção fundamental entre matéria viva e matéria não viva, estando sua amplitude proporcionalmente relacionada ao grau de indeterminação e complexidade dos seres. Logo, falar em uma compressão da hesitação significaria falar em um movimento de crescente aproximação entre estímulos percebidos e respostas dadas, onde condições de espera e indeterminação estariam sendo encolhidas.

Além disso, estes intrincados processos de aceleração temporal e compressão de hesitação estariam associados a uma sobrecarga da consciência enquanto instância psíquica responsável pelo amortecimento de estímulos externos e de proteção das demais camadas (KEHL, 2009). Conforme explica Kehl, quando excessivamente solicitada, a consciência encarregar-se-ia “de bloquear a ligação

com as marcas mnêmicas – como se pudesse, dessa forma, ater-se ao puro instante presente” (2009, p. 131). Logo, falar em uma compressão da hesitação corresponderia, portanto, a falar em uma compressão de memória.

Assumindo a memória enquanto elemento capaz de fornecer-nos um sentimento de continuidade entre passado, presente e futuro (BERGSON, 1990), o comprometimento das funções rememorativas necessário à dedicação externa da atenção consciente resultaria, então, na falta de um sentido de continuidade fundamental às possibilidades de atribuição de significado ao vivido. Emerge neste contexto um mal estar generalizado representado por uma “sensação de que se está definhando, perdendo valores, essências, ou seja, de que não se está existindo” (OLIVEIRA, 2013, p. 127).

Para Kehl, o aumento no número de casos de depressão observado na atualidade representaria um emblemático sintoma social de uma experiência subjetiva temporal avassaladora. Conforme explica a autora, “o tempo vazio do depressivo recusa a urgência da vida contemporânea e remete a um outro modo de viver o tempo, que a modernidade recalçou ou, pelo menos, reprimiu” (KEHL, 2009, p. 135). Assim, a brutalidade desta velocidade temporal encontraria na depressão a construção de tentativas de resposta que se constituiriam a partir de sua negação, contestando-lhe com a moeda do seu oposto.

Também se dedicando a uma reflexão sobre modos de experiência temporal, Bergson (1990) indica que enquanto o tempo descontínuo e espacializado dos relógios estaria atrelado à consciência, o tempo do vivido – ao qual ele chama de duração - seria próprio da intuição, da continuidade, do imensurável, do subjetivo. Longe de assumir seu sentido difundido no senso comum, a intuição simbolizaria para o autor um exercício de alargamento do sensível, alcançado através de um distanciamento dos interesses práticos norteadores da consciência – esta voltada para respostas imediatas. Proporcionaria, assim, a percepção daquilo que não seria notório no habitual, na adaptação, no automático. Simbolizaria, então, uma espécie de aprofundamento na duração; um mergulho em si ou no espírito e uma espécie de ampliação rememorativa – e criativa. “Para evocar o passado em forma de imagem, é preciso poder abstrair-se da ação presente, é preciso saber dar valor ao inútil, é preciso querer sonhar” (BERGSON, 1990, p. 90).

Com o objetivo de dar seguimento a esta reflexão sobre possíveis reflexos destes processos de compressão e aceleração na vida subjetiva contemporânea, o

segundo momento deste trabalho traz um breve estudo de caso a partir do projeto “Viajo, logo existo”. A partir das argumentações teóricas previamente apresentadas, buscou-se analisar se esta iniciativa de viagem poderia simbolizar - tal como o exemplo das depressões (KEHL, 2009) -, não somente um sintoma social oriundo deste contexto, mas também uma estratégia de contra-resposta em busca da ampliação de possibilidades de espera, criação e memória.

REFLEXÕES APLICADAS: O PROJETO “VIAJO, LOGO EXISTO”

Idealizado pelo casal paulistano Rachel e Leonardo Spencer, o projeto “Viajo, logo existo” teve início em 04 de maio de 2013, e consiste em uma jornada de carro – ainda em progresso - por mais de sessenta países distribuídos pelos cinco continentes do mundo. Ao longo de quarenta e dois meses corridos, o automóvel assume também o papel de moradia destes viajantes no que definem como uma “grande aventura” e uma oportunidade de “imersão cultural”. Nesta empreitada, o veículo fora escolhido como um dos instrumentos mais importantes, equipado com itens diversos – como galão de diesel extra e barraca de camping que pode ser acoplada no teto.

A ideia de “largar tudo e cair na estrada” teria surgido ainda em 2002, sendo planejada e implementada somente no ano seguinte. Ao narrar as motivações que teriam levado a tal decisão, o casal Spencer destaca sua insatisfação com percepções de incompletude ou insuficiência relacionadas à rotina, aos objetivos e desafios que vislumbravam em seu dia-a-dia pessoal e profissional em São Paulo:

O trabalho no banco nos proporcionava uma qualidade de vida altíssima, tanto no dia-a-dia como nas viagens, mas estávamos questionando aonde aquilo tudo iria nos levar. Eram sete anos de banco, tempo que gostamos muito do que fazíamos, mas entendíamos que daquele momento em diante seria somente para acumular dinheiro, não deslumbrávamos muitos desafios que não fossem ligados à carreira e principalmente ao dinheiro! Gostamos de dinheiro, mas não queremos viver em função disso. Sentimos a necessidade de começar um novo ciclo em nossas vidas, talvez com menos dinheiro e mais insegurança, porém com mais vida (SPENCER; PAGANOTTO, [2012], [p. 1]).

Quanto aos objetivos centrais do VLE seus idealizadores ressaltam como aspirações: “ajudar aos outros”, “conhecer novos lugares e culturas” e “desapegar da rotina da cidade grande e de seus valores”. Neste sentido, é interessante

observar em suas declarações oficiais uma combinação entre os anseios por pensar menos em si mesmo (“chegou a hora de ajudar os outros”) e por auto-aprimoramento (“nos tornar pessoas melhores”) (SPENCER, PAGANOTTO, [2012b], p. [1]).

Para vocês entenderem melhor, o Viajo Logo Existo nasceu de uma necessidade nossa de mudar de vida. Mais do que ter um objetivo ou conquistar algo, estávamos buscando uma forma de mudar, de começar de novo, de ter a chance de ter uma vida mais simples, mais barata e talvez mais intensa! Passamos os últimos dez anos de nossas vidas focando somente em nós mesmos, agora chegou a hora de ajudar os outros! Nunca deslumbramos objetivos como dar a volta ao mundo em tantos dias, ou gastar menos de 50 dólares por dia na média, ou coisas facilmente mensuráveis como essas. Por fim, nosso objetivo pessoal é nos tornar pessoas melhores, simples assim (SPENCER, PAGANOTTO, [2012b], p. [1]).

Como também corrobora a fala apresentada a seguir, o caráter de necessidade assumido para a realização desta empreitada faz-se presente de maneira peculiar, já que o destaque dado à excelente condição financeira e social do casal é um aspecto recorrente em suas falas. “A vida que tínhamos em São Paulo sempre foi ótima, mas estávamos preocupados com o que ela nos guardaria para o futuro. Vivemos os últimos anos em função do trabalho, do dinheiro, dos valores e receamos ficarmos escravos disso no longo prazo” (SPENCER, PAGANOTTO, [2012b], p. [1]).

Por fim, um dos aspectos centrais observado em suas declarações é a busca por uma ruptura com o habitual, com um funcionamento automático do cotidiano. Neste sentido, parece haver aqui uma lógica inversa, onde o desconforto tão evitado e imediatamente remediado no que configuraria este movimento de compressão da hesitação torna-se almejado como elemento capaz de proporcionar uma espécie de afirmação da própria existência.

Conhecer o mundo e suas diferentes culturas encaixou perfeitamente nas nossas expectativas de mudança, morar no carro e reaprender toda essa rotina do dia-a-dia seria perfeito para desapegarmos das rotinas da cidade grande e seus valores. Morar no carro vai nos expor de uma forma que nem conseguimos imaginar. Tudo isso sem falar nas pessoas que vamos encontrar pelo caminho, das situações que iremos viver, das diferentes línguas e costumes, das saudades dos familiares e amigos, da incerteza de como tudo isso ira

transcorrer! Inúmeras incertezas tornarão nosso dia-a-dia mais intenso e imprevisível (SPENCER, PAGANOTTO, [2012b], p. [1]).

Assim, alguns fatores presentes nesta empreitada parecem sinalizá-la enquanto uma possível estratégia de contra-resposta a um sentimento de “não existência” impulsionado pelos processos de aceleração e compressão supracitados. Em primeiro lugar, o distanciamento de reações instintivas e puramente práticas poderia refletir ao menos um direcionamento no sentido de um desenvolvimento intuitivo, capaz de proporcionar ao ser um aprofundamento em sua duração.

Além disso, o posicionamento desta jornada enquanto um elemento capaz de promover ou reafirmar existências também parece conferir-lhe ares intuitivos, combinando buscas por uma ampliação do sensível com demandas por autoconhecimento, aprimoramento e descobrimento. Assim, a viagem parece assumir sentidos literais e metafóricos,

Onde empreender uma jornada de longa distância, que envolve determinação, persistência, humildade e austeridade, é percebido menos em um sentido de sacrifício [...] do que como um processo de descoberta de si e de contato com o passado e a memória, presente na paisagem dos caminhos e nos símbolos que vão sendo acessados ao longo do percurso (CARNEIRO; STEIL, 2008, p. 119).

Por fim, observou-se que a interação com o outro enquanto representante da diferença também parece simbolizar um aspecto fundamental a nortear tais esforços em busca de uma ampliação de possibilidades de memória, criação e significação. Conforme observa Todorov:

Ainda que o objetivo fosse o conhecimento de si mesmo, a viagem não é menos indispensável: é explorando o mundo que se começa a se descobrir [...]. A existência dos outros ao nosso redor não é um puro acidente, os outros não são simplesmente sujeitos solitários, comparáveis ao eu mergulhado em sua própria meditação; também fazem parte dele: não existe o eu sem um tu. Não se pode chegar ao fundo de si excluindo-se os outros (TODOROV, 2006, p. 237-238).

Entende-se, portanto, que mobilidade e reflexividade combinar-se-iam em estratégias permeadas pela minimização do grau de adaptação, por esforços que tentam voltar-se para a ordem do que não é percebido em funcionamentos rotineiros

e/ou automáticos e para a exposição do ser à necessidade de espera – e, portanto, de criação. Salienta-se, ainda, que a alta complexidade do tema trabalhado e o caráter preliminar das observações e reflexões apresentadas demandam que estas sejam aprofundadas tanto através de trabalhos de campo, como de fundamentações teórico-metodológicas inter e transdisciplinares.

Por fim, tal reflexão deixa em aberto diversas questões que indicam oportunidades ricas e profícuas de investigação e compressão. Da multiplicidade de reflexos possíveis de uma aceleração temporal, passando pela necessidade de descrição e compreensão pormenorizada de dinâmicas de relacionamento subjetivo-temporal, até a problematização do que parece configurar uma relação paradoxal entre tal compressão de hesitação (e memória) e uma atual obsessão por registros memoriais (HUYSSSEN, 2000): muitas são as oportunidades, e urgente é a necessidade de hesitarmos sobre o tempo.

REFERÊNCIAS

BERGSON, Henri. **Ensaio sobre os dados imediatos da consciência**. Lisboa: Edições 70, 1988.

_____. **Matéria e Memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Duração e Simultaneidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CARNEIRO, Sandra; STEIL, Carlos A. Peregrinação, turismo e nova era: caminhos de Santiago de Compostela no Brasil. **Religião & sociedade**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 105-124, jan. 2008.

GUIMARÃES, Joaquim Francisco Soares; REZENDE, Cacia Valéria; BRITO, Ana Maria Plech. O conceito de memória na obra “Matéria e memória” de Henri Bergson. In: VI COLÓQUIO INTERNACIONAL “EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE”, 6., 2012, São Cristóvão, SE. **Anais...** São Cristóvão, SE: UFU, 2012. p. 1-15.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

OLIVEIRA, Bruno Costa de. **O futuro do pretérito**: a experiência da memória como criação. 2013. Dissertação (Mestrado em Memória Social)–Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://www.memoriasocial.pro.br/documentos/Dissertações/Diss315.pdf>>. Acesso em: 29 jul. 2015.

TODOROV, Tzvetan. A viagem e seu relato. **Revista de Letras**, São Paulo, v. 46, n. 1, p. 231-244, jan. 2006.

SPENCER, Leonardo; PAGANOTTO, Rachel. **A ideia**. [S.l., 2012a]. Disponível em: <<http://www.viajologoexisto.com.br/ideia-viajologoexisto/>>. Acesso em: 15 dez. 2015.

_____. **Objetivo.** [S.l., 2012b]. Disponível em: <<http://www.viajologoexisto.com.br/ideia-viajologoexisto/objetivo/>>. Acesso em: 15 dez. 2015.

_____. **Viajo, logo existo.** [S.l., 2012c]. Disponível em: <<http://www.viajologoexisto.com.br>>. Acesso em: 15 dez. 2015.